



Da *Evangelii Nuntiandi* à *Evangelii Gaudium*: continuidade e renovação na Evangelização após cinquenta anos

From *Evangelii Nuntiandi* to *Evangelii Gaudium*: continuity and renewal in Evangelization after fifty years

*Francilaide de Queiroz Ronzi**

PUC-Rio

*Roseane do Socorro Gomes Barbosa***

PUC-Rio

Recebido em: 30/06/2025. Aceito em: 09/09/2025.

Resumo: Na celebração dos 50 anos da promulgação da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, publicada por Paulo VI, em 1975, considerado um marco na evangelização no mundo contemporâneo, esse artigo se propõe a refletir sobre a possibilidade de continuidade e de renovação dessa Exortação na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de Francisco, promulgada em 2013. Nossa reflexão se realizou partir de dois eixos: primeiro, examinou os elementos teológicos e pastorais da *Evangelii Nuntiandi*; e segundo, a partir de uma abordagem hermenêutica dos textos buscou identificar tanto os elementos de continuidade quanto as inovações no conceito de evangelização apresentadas na *Evangelii Gaudium* em relação ao documento anterior. No processo de análise das duas Exortações Apostólicas foi possível perceber o quanto a *Evangelii Gaudium* atualiza e amplia a visão da *Evangelii Nuntiandi*, como, por exemplo, enquanto esta destaca a necessidade de que os/as evangelizadores/as sejam autênticos/as e vivam sua missão com entusiasmo, a *Evangelii Gaudium* enfatiza a alegria

* Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio e professora do mesmo PPG.

E-mail: francilaide@puc-rio.br.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teologia Sistemática-Pastoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bolsista Doutorado nota 10 da FAPERJ.

E-mail: roseanesgb@gmail.com.





do encontro com Cristo como motivação para a missão; essa alegria foi descrita como uma marca do cristão autêntico e uma força motivadora para a missão evangelizadora. Também ficou evidente que em ambos os documentos a mensagem central é que a evangelização deve transformar não apenas indivíduos, mas também estruturas sociais e culturais, por meio da promoção da justiça e da dignidade humana, da renovação do ardor missionário, da adaptação da evangelização às novas realidades culturais, ecossociais e espirituais.

Palavras-chave: justiça; dignidade humana; cristão autêntico.

Abstract: *In celebration of the 50th anniversary of the promulgation of the Apostolic Exhortation Evangelii Nuntiandi, published by Paul VI in 1975, considered a milestone in evangelization in the contemporary world, this article aims to reflect on the possibility of continuity and renewal of this Exhortation in the Apostolic Exhortation Evangelii Gaudium, by Pope Francis, promulgated in 2013. Our reflection was based on two axes: first, we examined the theological and pastoral elements of Evangelii Nuntiandi; and second, using a hermeneutical approach to the texts, we sought to identify both the elements of continuity and the innovations in the concept of evangelization presented in Evangelii Gaudium in relation to the previous document. In the process of analyzing the two Apostolic Exhortations, it was possible to perceive how much Evangelii Gaudium updates and expands the vision of Evangelii Nuntiandi. For example, while the latter highlights the need for evangelizers to be authentic and live their mission with enthusiasm, Evangelii Gaudium emphasizes the joy of encountering Christ as motivation for the mission; this joy was described as a hallmark of the authentic Christian and a motivating force for the evangelizing mission. It also became evident that in both, the central message is that evangelization should transform not only individuals but also social and cultural structures, through the promotion of justice and human dignity, the renewal of missionary zeal, and the adaptation of evangelization to new cultural, social ecology, and spiritual realities.*

Keywords: justice; human dignity; authentic christian.

Introdução

Em 2025 se completam os cinquenta anos da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, que é um marco sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Publicada pelo Paulo VI, dez anos após o encerramento do Concílio Vaticano II, essa Exortação consolida a missão essencial da Igreja em proclamar o Evangelho de forma integral, por meio das dimensões espiritual, social e cultural da evangelização. Desse modo, a *Evangelii Nuntiandi* delineou com profundidade o conceito de evangelização, tornando-se uma referência histórica e pastoral para toda a Igreja. Além disso, propôs à missão a abertura ao diálogo dinâmico entre fé e cultura, e reforçou a centralidade do testemunho cristão no mundo contemporâneo.



Essa celebração é um convite para revisitar e atualizar a mensagem dessa Exortação à luz das profundas transformações que marcaram a Igreja e a sociedade nas últimas cinco décadas. Isso porque o avanço da globalização, o crescimento do pluralismo religioso e o impacto das tecnologias digitais – além de outras realidades – desafiam as práticas evangelizadoras da Igreja, tornando essencial uma reflexão renovada sobre a relevância da *Evangelii Nuntiandi*. Nesse sentido, podemos realizar uma aproximação entre as duas Exortações: a *Evangelii Gaudium* com a *Evangelii Nuntiandi*. Ambos os documentos tratam da evangelização, cada um dialogando com a realidade de seu tempo, mas que, grosso modo, têm muitas semelhanças, assim como especificidades.

Apesar da importância inquestionável da *Evangelii Nuntiandi* seu impacto foi pouco analisado no contexto das mudanças culturais e sociais hodiernas. Elementos como a crescente secularização, o pluralismo religioso e os desafios das comunicações digitais exigem uma releitura crítica e qualitativa do documento. Este artigo pretende explorar como a mensagem da *Evangelii Nuntiandi* permanece atual, contribuindo para uma evangelização que permaneça fiel à sua essência e, ao mesmo tempo, atualizada nas diretrizes de Francisco.

Desse modo, o presente artigo estrutura-se em dois eixos analíticos: inicialmente, examina-se a centralidade da evangelização e da missão eclesial conforme apresentadas na *Evangelii Nuntiandi*, com especial atenção aos elementos fundamentais que o documento propõe para uma ação evangelizadora eficaz. Em seguida, analisam-se os desafios para a evangelização apontados pela mesma exortação, a fim de, finalmente, identificar tanto as continuidades quanto as inovações presentes na *Evangelii Gaudium* em relação à perspectiva anterior.

Com esta reflexão buscaremos contribuir tanto para a reflexão acadêmica quanto para a prática evangelizadora da Igreja em sua missão de proclamar o Evangelho em um mundo em constante transformação, reafirmando a força profética e renovadora da mensagem cristã após cinquenta anos de abertura e diálogo com o mundo hodierno.

1 *Evangelii Nuntiandi* e a centralidade da evangelização na missão eclesial

Em 1974 ocorreu o Sínodo dos Bispos sobre “A evangelização no mundo contemporâneo” que originou a Exortação Apostólica *Evangelii*



Nuntiandi, de Paulo VI, em 1975, cujo objetivo foi o de promover uma nova evangelização, mantendo a novidade da mensagem evangélica para o mundo contemporâneo. Essa Exortação deve ser entendida como uma resposta direta aos desafios emergentes do Concílio Vaticano II, que buscou renovar a missão da Igreja, adaptando-a aos novos tempos e promovendo o diálogo entre fé e cultura. Nesse sentido, na introdução à *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI sublinha, celebrando os 10 anos de encerramento do Concílio Vaticano II, que seus “objetivos se resumem, em última análise, num só intento: tornar a Igreja do século XX mais apta para anunciar o Evangelho à humanidade do mesmo século XX” (EN, n. 2).

É importante lembrar que uma das principais ênfases desse Concílio foi a preocupação com uma Igreja mais missionária, comprometida em proclamar o Evangelho de forma relevante em um mundo em rápida transformação. Como afirmou Salvini, “a evangelização é a impositação teológica, como missão perene da Igreja” (Salvini, 2000, p. 350).

No entanto, os anos que se seguiram ao Concílio foram marcados por tensões internas e externas. Internamente, a Igreja enfrentava resistências à implementação de suas reformas e vivenciava crises de identidade, alimentadas por debates sobre o papel do clero e dos leigos¹. Externamente, confrontava mudanças sociopolíticas e culturais que desafiavam sua relevância, especialmente em regiões onde “a religião e a vida cristã foram em tempos tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operosa, encontram-se hoje sujeitos à dura prova, e, por vezes, até são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo” (ChL, n. 34).

Nesse cenário de desafios, a *Evangelii Nuntiandi* reafirmou a centralidade da evangelização como essência da missão eclesial, enfatizando a necessidade de renovação pastoral e do compromisso com a comunicação do Evangelho em um mundo em constante mudança. Frente a isso, o documento se estrutura em torno de três perguntas fundamentais:

O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século?

¹ Em 1987 foi realizado o Sínodo que resultou na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo.



Quais os métodos que se deverão seguir para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz?” (EN, n. 4).

Essas questões, formuladas há 50 anos, permanecem atuais. A inquietação sobre onde reside a força transformadora do Evangelho ecoa na constatação de que a Boa Nova de Jesus Cristo, que outrora moldou corações, culturas e até a história da humanidade, parece hoje não ter o mesmo impacto na vida das pessoas.

Sobre essa necessidade, Paulo VI havia manifestado grande preocupação não apenas com o “fazer” da evangelização, mas, sobretudo, com o “como” fazê-la de maneira eficaz. Sua preocupação era anterior à realização do Concílio Vaticano II. Como Pontífice, alertou que, mais do que nunca, não se pode proclamar o Evangelho de qualquer forma, em qualquer tempo ou lugar. Logo, a urgência residia em encontrar uma base sólida que pudesse promover novos métodos para que a evangelização conseguisse responder adequadamente às exigências do mundo moderno, sem comprometer a autenticidade da mensagem cristã.

Com um dos grandes articuladores do Concílio Vaticano II, Paulo VI compreendeu profundamente a complexidade do período pós-conciliar. Ele reconhecia que a Igreja precisava reafirmar sua identidade missionária de maneira a dialogar com os desafios contemporâneos. Nesse contexto, articulou a evangelização a partir de quatro elementos fundamentais: o anúncio de Cristo, a pregação, a catequese e os sacramentos (EN, n. 17). Esses pilares estruturam a missão evangelizadora, conferindo-lhe uma base sólida e integradora.

A partir desses eixos, a evangelização deveria provocar a transformação pessoal e coletiva da humanidade com um convite a fazer essa experiência “a partir de dentro”, ou seja, do encontro com quem é anunciado, Jesus Cristo, “que se faz conhecido pela evangelização” (Duran, 2019, p. 506). Desse modo, segundo a *Evangelii Nuntiandi*, faz-se necessária uma evangelização integral, que não se limite à pregação doutrinária, mas se configure como um processo que abarque todas as dimensões da vida humana, incluindo as esferas cultural, política e social.

Embora a missão da Igreja não se reduza a iniciativas de caráter sociopolítico, ela reconhece que a evangelização implica uma ação que integra preocupações espirituais e temporais, conectando o Evangelho à vida pessoal e social das pessoas (EN, n. 32). Assim, a evangelização transcende a mera comunicação de uma mensagem; ela busca moldar



as estruturas internas que regem a vida das pessoas e, por consequência, as sociedades.

Adicionalmente, o documento destaca a centralidade do testemunho, como uma das vias principais da evangelização e, ao lado da pregação explícita da mensagem evangélica, da liturgia da Palavra, da catequese e do uso dos meios de comunicação – considerados uma versão moderna e eficaz do púlpito. Outras formas incluem a propagação do Evangelho, como o “corpo a corpo”, a partir das relações interpessoais, os sacramentos e a religiosidade popular (EN, n. 40-48).

Nesse viés, Paulo VI ressalta que a credibilidade da Igreja em sua ação evangelizadora depende menos de suas estruturas institucionais e mais do testemunho autêntico de seus membros. Por conseguinte, a Exortação *Evangelii Nuntiandi* apresenta alguns elementos considerados essenciais para a realização da evangelização.

2 Elementos centrais na *Evangelii Nuntiandi* para uma evangelização ativa e frutuosa

De início é importante destacar que, para uma efetiva evangelização, segundo a *Evangelii Nuntiandi*, é imprescindível entender que Jesus é o primeiro e maior evangelizador, aquele que anuncia o Reino e a salvação (EN, n. 7-9). Nesse sentido, a Igreja, como seu Corpo místico, assume a mesma missão evangelizadora de Cristo, reconhecendo-a como sua identidade e como tarefa essencial (EN, n. 14). Todavia, essa missão começa com uma evangelização “a partir de dentro”, como já foi mencionado, ou seja, uma autêntica conversão e renovação interna, indispensáveis para que a Igreja possa evangelizar o mundo com credibilidade (EN, n. 15).

A questão de “como” evangelizar é sempre atual, pois os métodos variam conforme o tempo, o lugar e a cultura em que se realiza a evangelização. Isso desafia os/as evangelizadores/as a buscarem constantemente meios e adaptações mais eficazes para comunicar o Evangelho às pessoas de hoje (EN, n. 40), uma vez que, por sua natureza, o Evangelho é uma mensagem sem fronteiras e de caráter universal. Desse modo, entende-se que a flexibilidade do anúncio não compromete a essência da mensagem, mas reforça sua capacidade de responder às exigências do mundo contemporâneo.



De fato, como aponta a *Evangelii Nuntiandi*, desde o mandato de Jesus até os nossos dias, a proclamação do Evangelho enfrenta resistências, tanto da parte dos/as evangelizadores/as quanto dos/as evangelizados/as (EN, n. 50). Isso porque se compreende que evangelização não é exclusiva para aqueles que nunca ouviram falar de Cristo; ela também se dirige aos/às batizados/as que não vivem a vida cristã autêntica, ou que possuem uma fé superficial, por desconhece seus fundamentos (EN, n. 52; RM, n. 33). Ademais, busca alcançar as pessoas que se dizem católicas “não-praticantes”, que justificam sua posição em nome de uma religiosidade intimista (EN, n. 56).

Desse modo, a evangelização não é uma ação isolada; ela é eclesial, um dever de todo o povo de Deus. Contudo, essa missão comum não confere a nenhum indivíduo ou grupo o poder de absolutizar a ação evangelizadora (EN, n. 60). Como Paulo VI ressalta: “toda a Igreja, portanto, é chamada para evangelizar; no seu grêmio, porém, existem diferentes tarefas evangelizadoras que hão de ser desempenhadas. Tal diversidade de serviços na unidade da mesma missão é que constitui a riqueza e a beleza da evangelização” (EN, n. 66).

Nesse sentido, no último capítulo da *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI apresenta algumas condições fundamentais para que a evangelização seja ativa e frutuosa: estar sob a ação do Espírito Santo porque “nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo (EN 75). Ele é verdadeiro agente da evangelização; ser testemunhas autênticas, inspiradas pelo Espírito. Uma vez que “o mundo reclama evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar como se eles vissem o invisível” (EN, n. 76); ser artífices da unidade porque a unidade entre os cristãos “não somente é a prova de que nós somos seus, mas também a prova de que ele foi enviado pelo Pai, critério de credibilidade dos mesmos cristãos e do próprio Cristo” (EN, n. 77); ser servidores da verdade, “de uma verdade que nos torna livres” (EN, n. 78), que “outra coisa não é senão a verdade revelada” (EN, n. 78); agir com amor fraterno, cujo sinal será “o respeito pela situação religiosa e espiritual das pessoas a quem se evangeliza [...] e respeito pela sua consciência e pelas suas convicções” (EN, n. 79); e manter o fervor dos santos, “que souberam superar os muitos obstáculos que se opunham à evangelização” (EN, n. 80). Afirma ainda o Papa:

O mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores



tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor; pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo (EN, n. 80).

Desse modo, não é possível pensar em uma evangelização que faça sentido para os diversos contextos contemporâneos se não fizer sentido para quem evangeliza. Isso porque se espera que a pessoa que evangeliza possa agir sob a ação do Espírito Santo, seja sua testemunha autêntica e, por isso, promotora da unidade, serva da verdade revelada, promova o amor fraterno e possua o fervor dos santos e das santas. Ou seja, na evangelização não é possível separar a Mensagem do mensageiro, segundo a *Evangelii Nuntiandi*, porque o testemunho é “o momento primeiro de um processo da evangelização” (EN, n. 21). No entanto, como veremos, muitos são os desafios que ainda persistem para uma evangelização no mundo atual.

3 Os desafios apontados na *Evangelii Nuntiandi* para a evangelização

Passados os cinquenta anos da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* é possível perceber o quanto dos desafios nele apresentados persistem em nosso tempo, vejamos:

a) Evangelização integral

Trata da necessidade de uma evangelização que não se limite à conversão individual, mas que pela força do Evangelho transforme as estruturas sociais e culturais. Tendo em vista que a mensagem de Jesus deve atingir não apenas as pessoas individualmente, mas também a humanidade em sua totalidade, incluindo instituições, culturas e valores, transformando, assim, tanto as pessoas quanto as estruturas humanas (EN, n. 18); além de penetrar profundamente no modo de pensar, nos critérios de julgamento e nas normas de conduta das sociedades, transformando-as à luz dos valores cristãos (EN, n. 19).

Poder-se-ia exprimir tudo isto dizendo: importa evangelizar; não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até as suas raízes, a civilização e as culturas



do homem, no sentido pleno e amplo que estes termos têm na Constituição Gaudium et Spes, a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus (EN, n. 20).

Desse modo, a evangelização não pode ser apenas espiritual ou religiosa. Ela deve também incidir no mundo secular, trazendo mudanças concretas nas estruturas sociais, econômicas e políticas (EN, n. 20). Por conseguinte, a Igreja precisa dialogar com o mundo contemporâneo, considerando as aspirações humanas, desafios e realidades concretas. Este diálogo é uma via de mão dupla, em que a mensagem cristã se torna compreensível e eficaz ao entrar em contato com o contexto secular (EN, n. 29). Essa relação com a sociedade visa também transformar as culturas e penetrar em suas raízes, para que o Evangelho se torne parte integrante da vida social e cultural (EN, n. 36).

b) Diálogo inter-religioso

Paulo VI reconheceu a importância de respeitar e dialogar com outras tradições religiosas, sem renunciar à proclamação de Cristo. A Exortação defende um anúncio que combina fidelidade ao Evangelho com abertura ao outro reconhecendo o valor do respeito mútuo em contextos inter-religiosos.

A Igreja católica mantém igualmente uma viva solicitude em relação aos cristãos que não estão em plena comunhão com ela: se bem que se ache já empenhada em preparar juntamente com eles a unidade querida por Cristo, e precisamente em vista de realizar a unidade na verdade, ela tem a consciência de que faltaria gravemente ao seu dever, se ela não desse testemunho, também junto deles, da plenitude da revelação de que ela conserva o depósito (EN, n. 54).

Assim sendo, o respeito pelas outras tradições religiosas é essencial para a evangelização. No entanto, isso deve ser feito sem renunciar à proclamação do Evangelho, que continua sendo o seu objetivo principal (EN, n. 53). Em consequência, o diálogo é um caminho necessário para a evangelização. Este deve ser marcado pela abertura ao outro e pelo reconhecimento do que é verdadeiro e bom em outras tradições religiosas (EN, n. 54).

Desse modo, a Igreja deve dialogar com as culturas e religiões do mundo para compartilhar a Boa Nova, mas de forma que respeite a



liberdade de consciência e as crenças dos outros (EN, n. 55). A Exortação reitera que o diálogo inter-religioso é um componente essencial da missão evangelizadora, sobretudo em um mundo pluralista. Torna-se evidente a necessidade de fortalecer a fidelidade ao Evangelho, mas também de reforçar a atitude de respeito e compreensão diante de outras crenças (EN, n. 56), combinando a proclamação explícita de Cristo com o testemunho de vida e o respeito pelas diferentes tradições religiosas. Isso demonstra que evangelizar não significa impor, mas convidar ao encontro com Cristo (EN, n. 80).

c) Inculturação

A evangelização precisa ser sensível às culturas locais, permitindo que a mensagem cristã se enraíze nas realidades históricas e sociais específicas, sem perder sua universalidade. Esse processo deve ser feito com cuidado, para que o anúncio do Evangelho respeite as particularidades de cada cultura (EN, n. 18). Uma vez que o Evangelho não é imposição às culturas, mas diálogo que permite integrá-lo à vida e à história dos povos, como explicita a Exortação:

Estratos da humanidade que se transformam: para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação (EN, n. 19).

Nesse contexto, inculturação significa fazer com que a mensagem cristã se adapte sem comprometer sua essência. No entanto, respeitando as culturas locais (EN, n. 20) deve considerar o povo concreto, a partir de sua língua, de seus sinais e símbolos e, aproximando-se de seus problemas reais, consiga anunciar uma mensagem que seja entendida e acolhida por todos (EN, n. 63).

d) Desigualdades

O Evangelho deve transformar também as estruturas sociais, especialmente em contextos de desigualdade de modo que a evangelização não se limita à dimensão espiritual, mas deve também incidir sobre os



aspectos concretos da vida humana, incluindo questões sociais e econômicas (EN, n. 29). Isso implica promover o desenvolvimento humano integral que inspire a transformação das estruturas sociais para combater a injustiça e promover a dignidade de todos.

Entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento, libertação, existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços daquela ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem? (EN 31).

Desse modo, numa sociedade desigual a promoção da justiça e a denúncia de situações de opressão fazem parte essencial da missão evangelizadora da Igreja (EN, n. 38). Esta, por sua vez, também é responsável em enfrentar os problemas sociais, como a pobreza, a opressão e as diversas desigualdades, por meio da luz do Evangelho e de ações concretas (EN, n. 34) pautadas pelas diretrizes da Doutrina Social da Igreja que em seus ensinamentos não só considera as condições de vida e os sofrimentos concretos das pessoas, mas busca promover a solidariedade e enfrentando as causas estruturais da pobreza e exclusão (EN, n. 76).

e) Crise ambiental

Embora a *Evangelii Nuntiandi* não trate explicitamente dos desafios ambientais, o documento oferece bases teológicas que podem ser relacionadas ao cuidado com a criação. A promoção humana e a transformação das estruturas injustas, temas centrais do texto, podem ser ampliadas para incluir a responsabilidade ecológica, pois “nunca se pode dissociar o plano da criação do plano da redenção” (EN, n. 31).

Desse modo, quando aborda a questão da transformação da humanidade (EN, n. 18) pode ser interpretado como um chamado a cuidar também do meio ambiente, parte integrante da criação divina, uma vez que o cuidado com a criação é essencial para a dignidade humana, especialmente nas questões ambientais que impactam desproporcionalmente os pobres e vulneráveis (EN, n. 37).



Ainda que os desafios ecológicos atuais tenham sido desenvolvidos mais explicitamente em documentos posteriores, como *Laudato Si'*, de Francisco, as bases presentes na *Evangelii Nuntiandi* permitem interpretar a evangelização como um chamado a integrar a responsabilidade ecológica à missão cristã, promovendo o cuidado com a criação como parte da promoção humana.

f) Migrantes e refugiados

A mensagem de solidariedade e acolhimento da *Evangelii Nuntiandi* está em sintonia com a promoção da dignidade humana e a integração solidária, especialmente em contextos de deslocamentos forçados. Embora o documento não trate diretamente do tema de refugiados e migrantes, suas reflexões sobre justiça, promoção humana e solidariedade oferecem uma base teológica relevante. Uma vez que a evangelização não se restringe ao anúncio da fé, mas inclui o compromisso com a dignidade humana e a melhoria das condições de vida, pessoal e social, como afirma a Exortação:

A evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens. E por isso que a evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada: sobre os direitos e deveres de toda a pessoa humana e sobre a vida familiar, sem a qual o desabrochamento pessoal quase não é possível, sobre a vida em comum na sociedade; sobre a vida internacional, a paz, a justiça e o desenvolvimento; uma mensagem sobre maneira vigorosa nos nossos dias, ainda, sobre a libertação (EN, n. 29).

Logo, essa promoção humana integral faz parte da missão evangelizadora da Igreja, chamada a defender e apoiar os direitos daqueles que sofrem injustiças, como as migrações forçadas (EN, n. 31) que frequentemente são causadas por guerras e injustiças. Além disso, o cuidado com os pobres e necessitados é parte essencial da missão da Igreja.

g) Os meios de comunicação e a tecnologia digital

A *Evangelii Nuntiandi* reconhece o papel importante dos meios de comunicação como instrumentos para a evangelização, destacando sua capacidade de alcançar mais pessoas e novas culturas. Paulo VI, ao tratar



dessa temática, antecipa a importância de usar os avanços tecnológicos, como as plataformas digitais atuais, para a missão evangelizadora. Visto que os meios de comunicação social são ferramentas importantes para a evangelização, Paulo VI chama atenção para seu uso eficaz na transmissão da mensagem cristã. Entretanto, ele destaca que

o uso dos meios de comunicação social para a evangelização comporta uma exigência a ser atendida: é que a mensagem evangélica, através deles, deverá chegar sim às multidões de homens, mas com a capacidade de penetrar na consciência de cada um desses homens, de se depositar nos corações de cada um deles, como se cada um fosse de fato o único, com tudo aquilo que tem de mais singular e pessoal, a atingir com tal mensagem e do qual obter para esta uma adesão, um compromisso realmente pessoal (EN, n. 45).

Desse modo, a Igreja entende que deve empregar os meios modernos de comunicação em sua missão de evangelização, e que os/as cristãos/as devem se envolver com as realidades do mundo contemporâneo e usarem sua criatividade os novos recursos de comunicação, o que inclui a utilização da cultura digital para evangelizar, para dialogar com as culturas emergentes. Todavia, não se pode descuidar de uma linguagem adequada na comunicação do Evangelho, o que se alinha à importância de compreender e utilizar as ferramentas digitais com eficácia (EN, n. 21; EN, n. 41).

Embora Paulo VI não tenha tratado diretamente das tecnologias digitais modernas, a visão da *Evangelii Nuntiandi* sobre os meios de comunicação antecipa a importância de abraçar essas novas ferramentas em sua missão evangelizadora. Isso reflete a relevância atual da cultura digital como um espaço vital para a evangelização. Essa questão, assim como muitas apresentadas anteriormente, contribuiu para a continuidade e a renovação dessa Exortação em outra, promulgada por Francisco, a *Evangelii Gaudium*, como veremos em seguida.

4 Da *Evangelii Nuntiandi* à *Evangelii Gaudium*: a atualização da evangelização

Eleito Papa em março de 2013, Francisco manteve-se atento às questões relacionadas à missão evangelizadora da Igreja e, em seu primeiro ano de pontificado, publicou a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, no dia 24 de novembro de 2013. Assim como a maioria das



Exortações Apostólicas, esta foi escrita após o Sínodo dos Bispos, cujo tema foi “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, realizado em 2012; sua abordagem principal é sobre o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã.

Da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975) para a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) somam-se 38 anos de distância e o profícuo desejo de promover uma nova etapa de evangelização na Igreja. Como veremos, percebe-se, em ambas as Exortações, que a compreensão sobre a evangelização não está apenas sob o aspecto do anúncio verbal da fé, mas que nela está integrada a transformação cultural e a promoção humana, e que em muitos aspectos elas se complementam.

Nesse sentido, enquanto a *Evangelii Nuntiandi* enfatiza que a verdadeira evangelização visa à transformação interior do ser humano (EN, n. 18), de forma semelhante a *Evangelii Gaudium* reforça que a Palavra se encarna nas situações concretas e dá frutos, mesmo que imperfeitos (EG, n. 24).

Vejamos alguns processos de continuidade e de renovação encontrados na *Evangelii Gaudium*, que atualizam *Evangelii Nuntiandi* tanto tempo depois de sua promulgação.

a) O sentido da Evangelização integral

A definição para a evangelização é complementar para as duas Exortações: para *Evangelii Nuntiandi* a evangelização é definida como um processo integral que atinge as dimensões pessoal e comunitária, cultural e social, transformando toda a existência humana (EN, n. 18), e para a *Evangelii Gaudium* a evangelização se reafirma inseparável da promoção humana integral, especialmente no cuidado com os mais pobres e marginalizados (EG, n. 176). Por consequência, Francisco insistiu na necessidade de integrar a dimensão social ao processo evangelizador para que a mensagem cristã pudesse impactar as estruturas sociais e econômicas (EG, n. 178).

Desse modo, a evangelização integral não se limita ao anúncio religioso, mas implica também a transformação das estruturas humanas e sociais (EN, n. 29) ao conectar evangelização e promoção humana na busca por um desenvolvimento integral que respeite a dignidade e os direitos de todas as pessoas (EN, n. 31). Por conseguinte, as duas são



guiadas pelo amor aos pobres e pela promoção da justiça e da dignidade humana.

Dessa forma, o objetivo da evangelização é transformar a humanidade em todos os seus aspectos, sem separar o anúncio do Evangelho das questões concretas da vida (EN, n. 33). Nesse sentido, cada cristão/ã é um/a agente de transformação no mundo, engajando-se em uma evangelização que abranja todos os aspectos da vida social e cultural (EN, n. 70). Essa compreensão é reafirmada na *Evangelii Gaudium* quando diz que se deve unir a proclamação da fé à promoção do bem comum e ao desenvolvimento humano em todas as suas dimensões (EG, n. 182); e, sem se descuidar do seu contexto, insere o cuidado com o meio ambiente e a criação, mostrando que a visão integral inclui a responsabilidade ecológica (EG, n. 220) e o envolvimento ativo dos/as cristãos/ãs na construção de um mundo mais justo e solidário, como parte de sua missão evangelizadora (EG, n. 231).

b) Renovação do chamado missionário

A renovação do chamado missionário está no coração da *Evangelii Nuntiandi* e da *Evangelii Gaudium*, refletindo o compromisso da Igreja de revitalizar sua missão de anunciar o Evangelho em um mundo em constante mudança. Ambos os documentos destacam a necessidade de renovar o ardor missionário, adaptando a evangelização às novas realidades culturais, ecossociais e espirituais.

A *Evangelii Gaudium* pode ser vista como uma atualização e ampliação da *Evangelii Nuntiandi* para o século XXI. Isso porque Francisco assume a herança de Paulo VI e a insere em novos desafios, como a globalização, a ecologia, o pluralismo cultural e a cultura digital. Enquanto Paulo VI focava no impacto das transformações sociais pós-Concílio Vaticano II, Francisco responde a fenômenos contemporâneos, como a crise ecológica, o consumismo, a exclusão social e as novas formas de pobreza.

Desse modo, a *Evangelii Nuntiandi* enfatiza a missão universal da Igreja de evangelizar, destacando a urgência de renovar esse compromisso diante das mudanças no mundo moderno (EN, n. 14). Dando continuidade a esse chamado missionário, Francisco reafirma que a evangelização deve ser prioridade em todas as ações da Igreja, envolvendo um “estado permanente de missão” (EG, n. 19). Nessa direção, Francisco insiste para



que a Igreja saia de sua zona de conforto e vá às periferias existenciais e geográficas, promovendo uma evangelização marcada pela proximidade e pelo encontro (EG, n. 20).

Desse modo, torna-se evidente para toda a Igreja que na evangelização todos/as os/as batizados/as são missionários/as e são chamados/as a evangelizar em sua vida cotidiana, tornando-se capazes de refletir uma Igreja em constante movimento missionário (EG, n. 120). Sendo o Espírito Santo o motor dessa renovação missionária, destaca-se a necessidade de confiar na ação divina para enfrentar os desafios contemporâneos (EG, n. 259).

Sendo assim, a *Evangelii Gaudium* assume o que já havia sido apresentado na *Evangelii Nuntiandi* quando exortava a Igreja a encontrar novas formas e métodos de evangelizar, tornando a mensagem cristã compreensível e acessível às realidades contemporâneas (EN, n. 24), sublinhando a importância de um renovado ardor missionário, com entusiasmo, criatividade e fidelidade ao Evangelho (EN, n. 49). Como afirma Gonçalves “a pastoral da Igreja compreendida em chave missionária propicia que a evangelização seja nova evangelização em ardor, em métodos, em presença da Igreja no mundo (Gonçalves, 2018, p. 372).

Portanto, as comunidades eclesiais devem se renovar continuamente para se tornarem mais missionárias, superando estruturas estagnadas e formas obsoletas de evangelização (EG, n. 27). Além disso, a *Evangelii Gaudium* enfatiza a alegria como elemento central da missão evangelizadora e destaca que o testemunho de vida autêntica é essencial para a transmissão da mensagem cristã (EG 49). Francisco reitera o chamado realizado por Paulo VI quando convidou todos os membros da Igreja – leigos/as, religiosos/as e clérigos – para que fossem protagonistas da missão evangelizadora, cada um contribuindo de acordo com sua vocação (EN, n. 80).

c) A alegria como motor da evangelização

A *Evangelii Nuntiandi* destaca a necessidade de evangelizadores que sejam autênticos e vivam sua missão com entusiasmo. Esse ponto é ampliado na *Evangelii Gaudium* quando enfatiza a alegria do encontro com Cristo como motivação para a missão: “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG, n. 1). Nesse sentido, encontramos mais uma convergência nas duas



exortações quando elas propõem que o testemunho alegre e coerente seja a base para uma evangelização eficaz e atraente.

Paulo VI afirma que o anúncio do Evangelho deve ser feito com alegria, pois a mensagem cristã é, acima de tudo, uma Boa Nova que traz felicidade ao mundo (EN, n. 1). E ressalta que a evangelização deve ser vivida e transmitida com entusiasmo, como um reflexo da alegria que vem da fé e do encontro com Cristo (EN, n. 8). No documento, a alegria é descrita como uma marca do cristão autêntico e uma força motivadora para a missão evangelizadora, que deve inspirar os outros a buscar a mesma experiência de fé (EN, n. 75). Ele conclui a Exortação enfatizando que a Igreja deve evangelizar com confiança e alegria, mesmo em meio às dificuldades, confiando no Espírito Santo como fonte de esperança (EN, n. 80).

Por sua vez, Francisco começa sua Exortação declarando que “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”, e apresenta a alegria como característica central para a missão cristã (EG, n. 1). Ou seja, nas duas exortações se encontra o convite para que todos/as os/as cristãos/ãs possam redescobrir, na alegria do encontro com Cristo, o sentido e a razão para a evangelização. Além disso, enfatiza que a alegria é um sinal de uma Igreja viva e missionária, que atrai as pessoas para o Evangelho por meio do entusiasmo e do testemunho (EG, n. 21). Da mesma forma, ambas ressaltam que a alegria da evangelização é fortalecida por uma espiritualidade de gratidão, confiança e entrega ao Espírito Santo. E, assim como Paulo VI concluiu a *Evangelii Nuntiandi* pedindo para que os/as cristãos/ãs evangelizem “com confiança e alegria”, Francisco concluiu a *Evangelii Gaudium* com uma convocação à alegria missionária, pedindo aos/às cristãos/ãs que levem o Evangelho com o otimismo e a energia de quem vive a alegria da salvação (EG, n. 288).

d) O papel da Igreja como comunidade missionária

Paulo VI convida a Igreja a ser “fermento e alma” da sociedade humana (EN, n. 19), enfatizando o papel da comunidade eclesial como instrumento de transformação social e cultural. A *Evangelii Nuntiandi* define a evangelização como o propósito essencial da Igreja, sublinhando que ela é, por natureza, missionária (EN, n. 14), porque a entende como uma comunidade que proclama, celebra e vive o Evangelho, testemunhando a fé em todas as dimensões da vida (EN, n. 15). Nesse sentido,



ressalta que a Igreja, como comunidade missionária, deve adaptar sua mensagem e métodos às realidades culturais e sociais em constante mudança (EN, n. 19); destaca o papel das comunidades cristãs locais como protagonistas da evangelização, agindo de maneira conjunta e solidária (EN, n. 59); e enfatiza a importância das pequenas comunidades e movimentos na vivência missionária, sendo fermento no mundo (EN, n. 60).

Ampliando essa compreensão, a *Evangelii Gaudium* entende que a Igreja está em “estado permanente de missão”, desafiando-se continuamente a ser mais dinâmica e acolhedora (EG, n. 23). Desse modo, Francisco descreve a Igreja como uma “comunidade de discípulos missionários”, chamada a sair em missão para encontrar as pessoas onde estão, especialmente nas periferias (EG, n.24); exorta as comunidades eclesiais a se renovarem constantemente para responderem melhor à sua vocação missionária (EG, n. 27); salienta a importância de a missão ser vivida em todas as dimensões da Igreja, desde as paróquias até os movimentos eclesiais (EG, n. 28); desafia a Igreja a ser uma “Igreja em saída”, disposta a ir ao encontro dos outros, sem medo de errar ou de se envolver nas realidades humanas (EG, n. 31); e afirma que todos os/as batizados/as são missionários/as, reforçando que a missão não é exclusiva do clero, mas da comunidade como um todo (EG, n. 120).

e) Inculturação e diálogo com o mundo

A *Evangelii Nuntiandi* introduz a noção de inculturação como um aspecto essencial da evangelização, reconhecendo a necessidade de integrar o Evangelho nas culturas sem impor modelos externos. Francisco aprofunda essa reflexão destacando que “a evangelização implica paciência e prescinde da obsessão por resultados imediatos” (EG, n. 24), assim como enfatiza o diálogo inter-religioso como uma ferramenta de evangelização, ecoando os fundamentos estabelecidos por Paulo VI.

Segundo Paulo VI, a evangelização deve transformar as culturas, permitindo que o Evangelho se enraíze nas realidades específicas de cada povo (EN, n. 18). Ele apresenta a necessidade de adaptar a mensagem cristã às diferentes culturas sem diluí-la, permitindo que o Evangelho seja compreendido e vivido de maneira autêntica em cada contexto (EN, n. 63); enfatiza a importância de um diálogo com o mundo contemporâneo, abordando os desafios culturais e sociais com uma abordagem pastoral que respeite as diferenças (EN, n. 65); e insiste que a evangelização deve



penetrar nas culturas humanas de forma profunda, transformando-as a partir de dentro, em um diálogo contínuo com a modernidade (EN, n. 70).

Da mesma forma, Francisco considera a inculturação como parte essencial da evangelização, afirmando que o Evangelho deve se adaptar às culturas sem perder sua essência (EG, n. 115). A *Evangelii Gaudium* ressalta a importância das expressões culturais locais na vivência da fé, promovendo a integração entre o Evangelho e as tradições dos povos (EG, n. 117). Desse modo, as duas Exortações reconhecem que a diversidade cultural é uma riqueza para a Igreja, que deve acolhê-la e usá-la como um instrumento para a missão evangelizadora. E, assumindo uma característica do tempo presente, enfatiza o papel do diálogo com o mundo contemporâneo, incluindo o engajamento com a cultura digital, como parte da evangelização atual (EG, n. 133).

Francisco propõe, aproximando-se da *Evangelii Nuntiandi*, o diálogo como um elemento essencial da missão da Igreja, engajando-se com diferentes culturas, religiões e tradições para construir um mundo mais justo e fraterno (EG, n. 242).

f) Atenção aos pobres e marginalizados

Ao longo da nossa reflexão se nota que, em ambas as exortações, a evangelização é situada de forma inseparável da promoção da dignidade humana. Segundo a *Evangelii Nuntiandi*, evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo (EN, n. 59), o que inclui trabalhar pela justiça e paz. Francisco atualiza essa visão ao posicionar os pobres no centro da missão da Igreja, afirmando que “os pobres têm muito a ensinar-nos” (EG, n. 98) e que o verdadeiro encontro com Cristo ocorre no serviço aos marginalizados.

Desse modo, Paulo VI enfatiza que a evangelização deve incluir um compromisso com a promoção da dignidade humana, especialmente dos pobres e marginalizados, como parte essencial da missão da Igreja (EN, n. 30). E, por entender a missão da Igreja de forma mais abrangente, ressalta que a evangelização deve ser integral, englobando tanto o anúncio da salvação quanto a transformação das estruturas sociais que geram injustiça e pobreza (EN, n. 31). Logo, define a opção pelos pobres como um sinal de fidelidade ao Evangelho, destacando que a missão da Igreja exige atenção especial aos mais necessitados (EN, n. 38). Por conseguinte, afirma que a promoção da justiça social é uma expressão



concreta da evangelização e um testemunho do amor de Cristo pelos marginalizados (EN, n. 69).

Francisco, nesse mesmo sentido, destaca que a atenção aos pobres é um dos elementos fundamentais da evangelização, chamando a Igreja a ser uma “Igreja pobre para os pobres” (EG, n. 48). Ele denuncia as estruturas econômicas que perpetuam a exclusão e a desigualdade, afirmando que a evangelização deve desafiar essas realidades em favor dos pobres (EG, n. 48), e define a solidariedade com os pobres como uma dimensão essencial do testemunho cristão, destacando a necessidade de ações concretas em favor dos marginalizados (EG, n. 186).

Assim como Paulo VI, Francisco ressalta que a opção preferencial pelos pobres não é apenas uma questão social, mas uma implicação teológica e espiritual do Evangelho (EG, n. 187). Em vista disso, convida os cristãos a se engajarem na promoção da justiça e na superação da pobreza estrutural como parte de sua missão evangelizadora (EG, n. 198), e insiste que a evangelização deve incluir ações que promovam a inclusão social e econômica dos marginalizados, buscando sua dignidade e bem-estar (EG, n. 199).

Francisco, desse modo, assume o que na *Evangelii Nuntiandi* já constava sobre a relação entre evangelização, promoção humana, desenvolvimento e libertação:

entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento, libertação, existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada; laços daquela ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem? Nós próprios tivemos o cuidado de salientar isto mesmo, ao recordar que é impossível aceitar “que a obra da evangelização possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, no que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo. Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor para com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade” (EN, n. 31).



A *Evangelii Gaudium* reconhece a importância dessa relação para a evangelização e amplia a compreensão sobre a dimensão social da evangelização com a inclusão social dos pobres e o diálogo social como contribuição para a paz. Afirma o documento que

a paz também “não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. Constrói-se, dia a dia, na busca duma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens”. Enfim, uma paz que não surja como fruto do desenvolvimento integral de todos, não terá futuro e será sempre semente de novos conflitos e variadas formas de violência (EG, n. 219).

Logo, as duas exortações, marcadas por contextos sociais, eclesiais e ambientais diferentes, assinalam a necessidade de um processo de amadurecimento da fé para a vida cristã, cuja transformação se torne visível em um testemunho autêntico do Evangelho.

Conclusão

Nessa celebração dos 50 anos da promulgação da *Evangelii Nuntiandi*, pelo Paulo VI, este artigo refletiu, a partir das inquietações sobre a ação evangelizadora que marcaram a Igreja no período de sua realização, o quanto de continuidade, renovação e atualização estão presentes na *Evangelii Gaudium*, promulgada por Francisco, em 2013.

Como vimos, a distância de 38 anos entre as duas Exortações confirma a existência de um profícuo desejo de promover uma nova evangelização na Igreja; uma evangelização realizada não apenas a partir de um anúncio verbal da fé, mas a partir da experiência que transforma o interior do ser humano, na qual está integrada a transformação cultural e a promoção da pessoa. Desse modo, a centralidade da evangelização como essência da missão eclesial exige a renovação pastoral e o compromisso com a comunicação do Evangelho. Assim como também exige que em uma ação evangelizadora esta faça sentido primeiro para quem evangeliza, porque nesta ação o testemunho é o primeiro momento da evangelização.

Trata-se da necessidade de uma evangelização que não se limite à conversão individual, mas que, pela força do Evangelho, transforme as estruturas sociais e culturais. Uma vez que a mensagem de Jesus deve atingir não apenas as pessoas individualmente, mas também a



humanidade em sua totalidade, incluindo instituições, culturas e valores, transformando, assim, também as estruturas humanas (EN, n. 18).

Assim como Paulo VI, Francisco ressalta a necessidade de uma evangelização que não se limite à conversão pessoal individual, mas que transforme a realidade a sua volta, e convida os/as cristãos/ãs a se engajarem na promoção da justiça e na superação da pobreza estrutural como parte de sua missão evangelizadora (EG, n. 198).

Na *Evangelii Gaudium* se encontra, de forma ampliada, o que havia sido ressaltado na *Evangelii Nuntiandi* sobre a relação entre evangelização, promoção humana, desenvolvimento e libertação, quando apresenta a inclusão social do pobre e o diálogo social como contribuição para a paz.

Desse modo, muitos dos desafios apontados na *Evangelii Nuntiandi* para a evangelização, como: a evangelização integral, o diálogo inter-religioso, a inculturação, as desigualdades, a crise ambiental, os migrantes e refugiados, os meios de comunicação e a tecnologia digital, também fizeram parte da *Evangelii Gaudium*.

Nesse sentido, foi possível perceber o processo de continuidade e de renovação encontrado na *Evangelii Gaudium* que, de alguma forma, atualiza a *Evangelii Nuntiandi*, em especial diante dos antigos e novos desafios: o sentido da evangelização integral, a renovação do chamado missionário, a alegria como motor da evangelização, o papel da Igreja como comunidade missionária, a inculturação e o diálogo com o mundo, e a atenção aos pobres e marginalizados.

Essa realidade evidenciou o quanto as duas exortações apontam para a necessidade de um processo de amadurecimento da fé na vida cristã, cuja transformação se torne visível em um testemunho autêntico do Evangelho.

Como foi possível perceber, tanto para Paulo VI quanto para Francisco, evangelizar é a missão que identifica a Igreja. Ou seja, a missão não lhe é algo acrescentado, mas é o seu modo de existir. Nesse sentido, todos os/as cristãos/ãs são evangelizadores/as porque “aquele que foi evangelizado, por sua vez, evangeliza [...], não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia essa Palavra” (EN, n. 24). Trata-se, como apontou Francisco, de entender a comunhão eclesial a partir da evangelização porque “a intimidade da Igreja com



Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão configura-se essencialmente como comunhão missionária” (EG, n. 23).

Por fim, as duas Exortações deixam evidente que o primeiro meio de evangelização na Igreja é o testemunho de uma vida cristã autêntica, porque a pessoa escuta com mais boa vontade aqueles que dão testemunho de um Deus que conhece e lhes seja familiar do que de quem “ensina” somente porque dele ouviu falar ou sobre ele estudou.

Referências

DURÁN, José Rafael Solano. Verdade e caridade: uma nova apologética para a nova evangelização. *Revista Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 34, n. 3, 2019. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1582>.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Evangelii gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Igreja e Missão no contexto de Pós-modernidade. *ATeo*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 363-389, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34479/34479.PDF>. Acesso em: 25 out. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa. *Encíclica Redemptoris Missio sobre a validade permanente do mandato missionário*. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles laici sobre vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo*. São Paulo: Paulinas, 1988.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. 1975.

SALVINI, Giampaolo. “A Veinticinque anni dall’Evangelii Nuntiandi”. In: *Revista La Civiltà Cattolica*, n. 4, 2000.